PARA TODOS...

1$500

rio de janeiro 16 de abril 1932

NUM 696.

"Unidos para sempre, até a morte os separar".

E este o caracter dos laços matrimoniaes no Brasil, onde uma alta moral religiosa tem protegido a sociedade contra as investidas vãs do divorcio, planta damninha que não póde medrar em terra christã como a nossa.

É em tal base de *união até morte* que se fundam os lares brasileiros, cujo caracteristico é o espirito tutelar da esposa, guarda vigilante e incondicional da familia.

Mas para que a joven esposa possa arcar desde o inicio da vida conjugal com suas responsabilidades de zeladora do lar, é preciso que saiba defender a propria saude, contra os males periodicos a que está exposta todos os mezes. Para isto basta ter sempre na lembrança que para os *Incommodos de Senhoras* nada ha que se compare ão infallivel remedio

A Saude da Mulher

Para todos...

DIRECTORES

ALVARO MOREYRA E OSWALDO LOUREIRO

ASSIGNATURAS

1 ANNO — 75$000

6 MEZES — 38$000

RUA DO OUVIDOR 181 — 1.º

END. TELEGR.: "PARATODOS"

TELEPHONE: 2-9654

MORRO

DA FAVELLA

Desenho de JOSE' FOVICS

O espirito moderno

É' um espirito que já fez muitos annos. Está ficando velho. Mas que sympathico! Foi elle que acabou de vez com a literatura das classes conservadoras. Foi elle que deu ao Brasil sentidos brasileiros. A elle é que a gente deve o fallecimento definitivo dos deuses, dos deuses da Grecia, de Roma, de outras paizagens; prestações de phrases, declarados mortos ha que seculos, e tão invocados... Repetia-se: — Os deuses morreram! — Pobre de quem acreditava! De repente, os deuses punham a cabeça de fóra, em tribunas, jornaes, livros, cartas de suicidas. Um destes escreveu ao amor mal correspondido, no instante derradeiro (sahiu publicado): "Amei-te como Morpheu amou Eurydice."

O espirito moderno, assim com letra minuscula, é um sujeito simples, um pouco desdenhoso, vagamente inquiéto, alegre quando o entendem, alegrissimo quando não o entendem. Passa uns tempos no campo, passa uns tempos na cidade, vae a Moscou, vae a Poços de Caldas; a semana atrazada esteve em Paris, depois de amanhã estará em Porto Alegre, no fim do mez em Nova York... De avião, de imaginação, principalmente de omnibus. Vira, méxe. Turista delle mesmo...

ALVARO MOREYRA

"Paizagem plastica" Madeira de Giseken

Ao sopro dos ventos, dos ventos furiosos

V. VINNITCHENKO

A luz triste e tremula da lamparina evoca as campainhas balançadas da igreja, os bolos deliciosos, os biscoitos cobertos de assucar e saborosos.

O aposento cheira a chão lavado, a capacho humido e a pasteis, a "petit-pois". Um crepusculo mysterioso se estira, sensivel, nos recantos. A cada piscação do pavio, as sombras projectadas pela luz da lamparina oscillam e vibram sobre as paredes; os santos estremecem e puxam para cima delles as roupas vermelhas e azues.

Na estufa faz calor, cheira a argila e a pelle de carneiro aquecida. Mas Grigne, continua estendido, immovel, esticando apenas a cabeça, atravéz da cortina, para esse mundo novo e mysterioso que começa além da estufa. Tudo está mudado: de começo imagina-se que o aposento é semelhante ao de todos os dias: a mesa coberta de oleado de quadradinhos, o guarda louças com o vidro quebrado por Grigne, o grande bahú verde semeado de flôres côr de rosa, em cujo dorso abaulado Grigne monta para galopar até á cidade de Kieff, todas essas coisas são as mesmas, e entretanto differentes, impostoras, ambiguas, os olhos fixos não se sabe onde. Até a tijela de leite lá no canto, coberta com um guardanapo, essa tijela com a qual Grigne vive em tão grande amizade, dissimula não se sabe que segredo. O buraco negro e quadrado da porta do quarto de dormir está simplesmente impossivel de se olhar, de tal forma se mostra assustador e tenebroso.

E dizer que tudo isso se passa no dominio de Grigne, onde elle é dono, senhor e deus das coisas e das creaturas, onde as suas palavras e as suas lagrimas são leis para mamãe, papae, Gravik, Sanka a bexigosa, o gato Boudka, o cão Joulka, as cadeiras, os bahús, os cestos, numa palavra, para tudo isso que ahi está. Elle, o senhor, continua deitado em silencio e não ousa falar, porque chegou um mais poderoso do que elle. Os recantos, os capachos, as portas, tudo entrou na conspiração, tudo secunda esse sêr mysterioso e forte. Tudo lhe é hostil, tudo o espreita em segredo, esperando o momento propicio... Da sombra, mãos surgirão de repente para o agarrar...

Grigne espia para o lado, onde estão dependuradas, na parede, as roupas. No montão escuro, qualquer coisa se move, se remexe, se desembaraça...

— Sa-anka! exclama subitamente Grigne, com um grito que a elle mesmo surprehende.

Do outro lado da parede, na pequena cosinha, vem apenas um ruido de louça. Sanka a bexigosa não ouve o grito.

As imagens dos santos oscillam á direita e á esquerda como se estivessem em balanços; parece que elles não notaram nada. A tigella bojuda, dissimulando-se sob o guardanapo, cochilla innocentemente num canto. Mas todos sabem muito bem que *aquelle* se mexeu dentro das roupas.

— Sa-a, Sa-a??...

O ruido de louça se interrompe, o trinco da porta range — com que prazer, com que allivio range esse trinco furioso!

— Que é que ha?

Como é doce, essa vóz rude, como é confortadora!

Grigne não sabe o que dizer, só póde saborear uma alegria inexprimivel com a entrada de Sanka.

— Então? Porque berraste?

— Tenho sêde!

— Tem graça! Porque não te levantas e não vaes beber? Ora vejam, o "senhor"!

Grigne se offende: como que ella ousa falar-lhe nesse tom! Se não fosse o perigo della voltar para a cosinha, havia de vêr! Embora ella tenha já nove annos, e elle, Grigne, só vá completar os seis no dia da Santa Virgem, saberia vencer duas iguaes a ella. Porque elle é Grigne, e ella, ella, é Sanka, uma criada que cada um trata como quér. E é ella que lhe fala daquelle modo!

Me dá agua, bexigosa!

— Bebe tu sósinho, a moringa está atraz da estufa!

E o trinco range de novo, dessa vez cheio de agonia e de terror.

— Esse que está atraz da estufa. Mas quem é?

As sombras da lamparina, as imagens dos santos, as louças, a tijella, todos sabem. Sabem e guardam um silencio desconfiado e circumspecto.

Grigne, com os olhos arregalados, recúa prudentemente, encosta o corpo no fundo da estufa e se installa num canto apoiando-se á parede. Mas sobre a estufa já está quasi escuro; só a luz pestanejante da lamparina ondula em remoinhos sob a chaminé e o tecto. No outro canto da estufa ha qualquer coisa redonda e preta. Que é? E a outra, lá em baixo, atráz da estufa. Fica encerrada ou sae de vez em quando?

Como todos os reis e senhores, exilados dos dominios, Grigne está agoniado e aterrorisado. Grigne se compadece delle mesmo. A sua solidão é sem limites. No canto da estufa a coisa redonda e preta se põe a remexer.

— Sa-a... Sa-a-anka...

O trinco da porta range, a porta estala. A coisa redonda se immobilisa de repente. Grigne se arrasta rapidamente para a beira da estufa e levanta a cabeça. Eis Sanka com o seu collarinho azul.

— Que é? Que é que ha? "Sanka, Sanka" Que é que queres?

Grigne não se sente patrão. Sem pedir agua, diz, supplicante e lastimoso:

— Fica aqui, perto de mim...

Não diz que tem medo, que por todos os lados está cercado de inimigos, que elle, o senhor, não ousa deixar a estufa. Mas Sanka comprehende muito bem sem que lhe digam. Emfim, eil-o humilde e lastimoso, eil-o pedindo soccorro a ella, com uma vózinha supplicante.

Sanka sorri insolentemente e se dirige para a porta.

— Sania, não vá. Sa-a.

— Não seja tolo. Como se eu não tivesse outra coisa para fazer senão ficar perto de ti! Vou tratar de enxugar os pratos.

— Tu pódes enxugar depois. Fica aqui.

— Ah! achas? O "senhor" é esperto! Quem é que apanha depois?

E o collarinho azul de Sanka desapparece por traz do angulo da estufa. Grigne agora não póde mais ficar só, todas as forças inimigas, depois de terem assistido pedir soccorro, vão se encolerizar e se atirar sobre elle.

— Sa-a-anka. Eu-eu-eu...

Sanka entra lentamente, e, sem parecer dar attenção aos soluços do patrão, arruma não se sabe o que no armario de louça. Grigne se acalma. As louças, a obscuridade "elle", todos estão na conspiração. Sanka, tambem é do partido delles, contra Grigne. Entretanto é um allivio ouvil-a caminhar, arrumar, limpar.

— Sania, onde está Ioulka? — pergunta Grigne com a voz muito meiga.

Sanka não ouve. Muito occupada com os arranjos, fecha a porta do armario de louça e se prepara para tornar a partir.

— Sa-nia, não vá embora. Sa-a-ania.

— Chama por mim: "Saa-ania"! E quem foi que hontem me fincou o garfo? Hein?

Grigne fica calado. Sim, elle espetou-a com o garfo, porque ella não lhe déra o prato depressa.

— Quem é que hoje fez mexericos para mamãe? Quem é que me chama bexigosa?

Grigne continua silencioso. Ella é bexigosa! E' verdade, é bexigosa!

— E agóra vae me fazer agrados? Não, fique só. Isso te ensinará. Que o diabo te carregue. Elle está lá no quarto de dormir.

Grigne, aterrorisado, dirige os olhos para o buraco preto da porta do quarto de dormir.

— Ma-mãe, choraminga o pequeno.

— Mamãe, hein? Mamãe está na festa. Só voltará pelo amanhecer. E' o diabo que vae te fazer vêr "mamãe".

— Sania, eu não te espetarei mais com o garfo. Não te belisco mais. Juro.

— Não farás mais mexericos?

— Juro que não.

— Não me chamarás mais de bexigosa?

— Não, não.

— Virás me defender quando me estiverem batendo?

— Sim, sim.

— E' verdade?

— Espera, vou fazer o signal da cruz.

E Grigne, ajoelhado, se benze. Sanka olha-o fixamente. Depois ella se põe a ennumerar, mais uma vez, todas as miserias e offensas passadas. Grigne renova as promessas e se benze ardentemente, jurando renunciar para sempre a todos os máos tratos. E 'assim que são outorgadas todas as constituições, é assim que as outorga Grigne, que não é nem o peor nem o melhor do soberanos.

Mas Sanka não crê muito nessas promessas, já as ouviu tantas vezes! Passado o perigo, ella volta a ser Sanka a bexigosa, que se espeta com o garfo, que se sova por causa de um copo que Grigne quebrou.

Mas hoje ella tem o deus e senhor na mão. Hoje, humilde e submisso elle se arrasta aos pés della. Sanka quér desfructar desse poder o mais que puder.

— Eu te conheço. Tu me fazes promessas, e amanhã já estás esquecido. Não quero ficar perto de ti. Fique com o diabo.

E Sanka faz menção de partir. Grigne, tremulo, estende as mãos para ella, olha com pavor o buraço negro da porta, geme, lastimoso e supplicante.

— Sanka, volta.

— Tu me darás bonbons?

Isso, é ultrapassar os limites da constituição, é attentar contra as prerogativas do poder: os bonbons são para Grigne, só para Grigne. Mas Grigne apenas franze a testa, bufa baixinho, e diz asperamente:

— Sim.

— Bem, dé. Atire-os para mim.

No canto da estufa Grigne escondeu o que lhe deixou mamãe — bonbons, avelãs e quatro vintens novos. Grigne reflecte rapidamente: Não dar? Sanka irá para a cosinha e os inimigos o atacarão de novo; dar? mas, na verdade, isso será uma tristeza. Não foi para a bexigosa que mamãe deixou os bonbons.

— Tu me contas uma historia?

Que ao menos ella faça para ganhar os bonbons. Que as prerogativas não sejam de nenhum modo violadas.

— Não! esta é muito boa! E' preciso ainda uma historia! O grande senhor quer que eu fique perto delle, que o defenda do diabo e que ainda por cima lhe conte uma historia. Tem graça!

Mas Grigne não pensa desse modo — quer uma historia. Elle se installará com Sanka, muito amigos, confortavelmente: Sanka se sentará no canto, Grigne se encolherá junto della, e verão um mundo novo se desdobrar, brilhante, apaixonante. Quando mamãe está em casa, Sanka não ousa dizer não ; conta quantas historias elle quer, o seu poder é illimitado. E agora ella recusa, mesmo em troca de um bonbon. Está bem, está bem.

— Sa-a-ania, conta-me uma historia.

— Não, Sania não quer contar nenhuma. Hoje é ella a mais velha. A força e o poder estão com ella. Mas quer que Grigne supplique. Sanka se alegra de sentir, de palpar o seu poder, de vêr o "senhor" ajoelhado diante della.

— Sa-a. Uma historia pequenina. A historia da cabra de labios grossos.

— Que pensas? A cabra de labios grossos! E o que mais?

— Bem, então, a historia do menino querido...

— Tu és o querido da mamãe. Não precisas de historias.

Grigne escolhera a historia mais simples, a mais insignificante, a que num momento commum, de posse do seu pleno poder, elle não quereria escutar, á qual elle faria caretas. Mas ainda não é tudo, eil-a que, de novo, se dirige para a cosinha, para levar a bilha para a adega. Ouve-se uma chuva fria bater na janella e uma vóz triste gemer na chaminé: parece uma mosca se debatendo numa teia de aranha. E' o vento? E' "elle"?

— Eu te dou dois bonbons. Dois! Estás ouvindo?

Dois bonbons abalam a firmesa de Sanka. Dois bonbons, na verdade, é muita coisa. Só acontece nos dias de festa. E Sanka sente na bocca um gosto assucarado. Mas lembra-se que acceitando os bonbons vende o seu poder, raro e saboroso tambem. Porque então terá que contar uma historia, e isso é já uma funcção de serviço, que ella é "forçada", a fazer para o "senhor". Ainda outra coisa: ouvindo a historia, o "senhor", como sempre, dormirá e tudo se acabará.

Não, historias, não. Que importa os bonbons. Mais vale ir para a adega e deixal-o tremendo de medo.

— Sa-a. Não vá embóra.

— Sim, não vá... E quem é que leva a bilha?

— Tu pódes levar amanhã.

— Ah! Sim, amanhã. E quem é que apanha a sova? Tu?

— Eu te defenderei. Juro que te defenderei.

— Tu me defenderás! Já te conheço! Tens pena de me dar um unico e desgraçado bonbon, e dizes que me defenderás.

— Não é verdade, não tenho pena. Darei até dois se me contares uma historia. E uma moeda tambem, uma moeda novinha.

Grigne mette, apressado, a mão no seu thesouro, tira a moeda e mostra-a á Sanka. O ouro da lamparina scintilla sobre a moeda.

— Toma.

— Tu me dá? De verdade?

— Estou te dando.

A tentação é mais forte. Sanka enrola o chale no pescoço e sobe silenciosamente para junto de Grigne. Elle recua com alegria, escolhendo o logar onde a estufa está menos quente.

Mas Sanka não sobe inteiramente. Pára, estende a mão e reclama arisca:

— Quero adiantado os dois bonbons e a moeda.

Mas, Grigne sabendo que é perigoso se desfazer dos instrumentos da força, não concorda:

— Tu és esperta. Assim não. Conta primeiro a historia.

— Não, primeiro a historia, não. Quero o pagamento adiantado.

— Não, conta primeiro.

— Bem, tanto peor. Fique sósinho com o seu papão.

E Sanka desce da estufa. Grigne sabe que dando os bon-bons e a moeda cairá de novo no poder de Sanka. Mas, que fazer? E' melhor esse jogo, do que ficar só diante do "outro" dentro da horrivel escuridão.

— Está bem, vou dar-te. Sobe.

— Deixa-me em paz. Não preciso dos teus bon-bons. Para chorares depois e dizeres a tua mãe que eu os roubei. Acabarei ainda apanhando por tua causa.

— Juro que não digo nada. Toma, Sania.

— Não quero.

— Acceita, Sania. Anda, vem cá. Vem, Sa-a...

— Cruzes, que cacete!

Hesitante, carrancuda, de má vontade, Sanka sobe de vagar para a estufa. Grigne observa-a timidamente e não ousa alegrar-se — com receio de que ella torne a descer. De repente, elle lhe estende a mão com dois bons-bons e a moeda. Sanka recebe-os descuidadamente, examina-os, faz uma careta e os mette no bolso. Depois afasta a cortina, sobe e diz, severa:

— Vamos, qual é a historia que tu queres?

Atravez da cortina, a luz da lamparina banha o rosto redondo de Sanka, desfigurado pela variola. Assemelha-se a pera enrugada, tirada da compota. A ponta do nariz, roida, se encarquilha, os olhos têm um olhar bravio. Grigne percebe que está submisso, adsolutamente submisso. Elle responde:

— A historia da menina frisada.

— Ah! que é que pensas? A menina frisada! Contarei aquella que eu quizer.

— Pois bem, a que tu quizeres.

Grigne encolhe com muito geito as pernas, pousa a cabeça sobre a manta de pello de carneiro dobrada em dois e fica quieto de olhos meio fechados. O vento geme na chaminé como uma queixa — agora elle está certo de que é o vento. A lamparina póde pestanejar, o buraco negro da porta augmentar mysteriosamente, e o papão se esconder atraz da estufa — Grigne não tem mais medo.

Sanka o escarnece; lembrou-se de uma historia.

— Escuta. E sobretudo não faças o caprichoso. Tu mesmo dissestе que eu podia contar a historia que quizesse.

— Não farei o caprichoso, murmura Grigne.

— Attenção. Bem, então, era uma vez...

Sanka pára um instante. Grigne se immobilisa numa espera feliz. Sanka começa todas as historias por "Bem, então, era uma vez", pára um momento, depois conta, sem se interromper.

— Bem, então, era uma vez. Havia no mundo um senhor Jacques, que vivia numa barraca, usava um bello gorro, tinha um perúsinho. E' bella a minha historia?

Grigne abre os olhos e exclama encolerisado:

— Hein, Sanka!

— Tu dizes: "Hein, Sanka", eu digo: "Hein, Sanka". Havia um senhor Jacques, que vivia numa barraca, usava um bello gorro, tinha um perúsinho. E' bella a minha historia?

— Horrivel, não quero essa. Uma outra.

— Tu dizes: "Horrivel", eu digo: "horrivel". Havia um senhor Jacque, que vivia numa barraca...

— Não quero essa! Conta outra.

— ... usava um bello gorro, tinha um perúsinho. E' bella a minha historia?

— Uma porcaria de historia, uma porcaria de historia, uma porcaria de historia!

— Tu dizes: "Uma porcaria de historia, uma porcaria de historia, uma porcaria de historia", eu digo: "Uma porcaria de historia, uma porcaria de historia, uma porcaria de historia". Havia um senhor Jacques...

Grigne bate com os pés e se põe, furioso, a sacudir Sanka. Sanka, empurrada, se balança, mas conserva o rosto immovel e repete, monotonamente, o estribilho do gorro e do perúsinho.

— E' bella a minha historia?

Grigne, para não responder, pousa novamente a cabeça sobre a manta de pello de carneiro, e fica impassivel. Mas, não adianta nada.

— Tu não dizes nada, eu não digo nada. Havia um senhor Jacques, que vivia numa barraca...

De desespero, de colera e de impotencia, Grigne chora baixinho. Em resposta, Sanka psalmodia sempre com a mesma voz calma e arrastada:

— Tu choras e eu choro. Havia um senhor Jacques...

Grigne se lamenta em voz alta, com soluços amargos.

Então, Sanka se interrompe, e pergunta com a voz natural:

— E agora? Ainda vaes pedir-me historias?

Grigne chora, enxuga os olhos com a manta quente e grossa.

— Porque não dizes nada? Queres que eu continue? Sim ou não?

— N'n'ão... — soluça o senhor e soberano, num murmurio tremulo.

Sanka passa a mão sobre a pequena cabeça loura, curva-se e diz:

(*Conclue adeante*)

Desenho de
KAETHE KOLLWITZ

ESPORTE

Turma de Volley Ball do Tijuca Tennis Club

FLUMINENSE
3

Torneio Preparatorio do Campeonato de Foot-ball Carioca

AMERICA
3

M A R I A

MARIO DE ANDRADE

Passa pura neste mundo,
Sendo chique e sendo rica,
Tem marido, quatro filhos,
Sabe rir, sabe gosar,
O nome dela é Maria.

Faz pouco telefonou
Falando que não iria
No chá da casa da amiga.
De vez em quando ela falta
A's festas de sociedade,
Arranja dôr-de-cabeça
E outras desculpas assim.

Agora está no jardim
Toda de branco vestida.

O sol é um pintor das duzias!
Diz que pretende doirar
Aqueles cabelos curtos...
Não vê! só faz relumear
O preto daquele preto,
Que não tem nada mais preto
Que os cabelos de Maria!

Como é bonita! Seus olhos
São que nem jaboticabas,
E mesmo que o perfil dela
Seja um pouco duro, a gente
Assustando aquelle rosto
Que o rouge aviva mansinho,
A gente sente um sossêgo
De peito de passarinho.

A gente sente... meu Deus!
De deveras, um amor...
Que não é amôr, é amorzinho
Feito de admiração
Encanto de dia-santo!
Gôsto que não dá desgosto!
Amor não! Veneração!

Si eu falasse que Maria
Traz um halo na cabeça,
Halo de santa moderna
Que maxixa e fala o inglês,
Muita gente se riria...
Pois se riam á vontade!
Maria traz na cabeça
O halo de Santa Maria!

E' Shelley que está na moda,
E as mãos della sobre a capa
Da edição de Oxford, orvalham
O couro negro macio
Com as gotas sêcas do brilho
Das unhas manicuradas.

Não quiz mais ler porquê livro
Não lhe dá a gostosura
Que tem vendo as travessuras
Dos filhinhos em redor.

Um fala que tem de ser
Chofêr duma lincoln verde;
O outro inda não sabe, hesita
Entre médico e aviador;
O caçula... lá se amola
Em saber o que será!
E' pecurrucho, não pensa.
Tem a instintiva sabença
De andorinha temperá:
Aonde faz quente êle vai.
Gatinhando emigra bambo
Do colo da mãe pro pai,
Do colo do pai prá cama.

Agora dorme na grama
Sobre o pleide branco e preto.
Troca a noite pelo dia...
Junto dele a ama cochila,
No branco e preto de estilo.
...Que a champanha dos jantares,
Tal-e-qual a cobra preta,
Vem de-noite e chupa o leite
Da sem seios da Maria...

E Maria, a outra filhinha,
Maria filha de Maria,
Parecida com Maria,
Essa emburrou porquê o mano
Mais velho diz que não quer
Que ela beije a cara dele.
Ha-de ser chofêr da lincoln
E ha-de viver toda a vida
Sem boquinha de mulher!

Maria se ri tranquila.
São anjos, não são? São anjos
Que não têm asas por baixo
Dos suétres de listrão.
Já falam seu alemão
Com a governanta comprida,
Mas que são anjos? São anjos
Da boniteza da vida!

...Que anjos são êstes
Que estão me arrodeando,
De-noite e de-dia...
Padre Nosso...
Avé, Maria!

THEATRO

R. MAGALHÃES JUNIOR

Anita Spã nasceu em Londres, num dia de "fog". E a natureza, como compensação, deu-lhe a alegria de um meio-dia de sol. No palco do Trianon, Anita Spã parece brasileira. Ninguem percebe que ella nasceu numa terra onde o sol tem medo dos homens...

O nosso theatro João Caetano, desde a inauguração, vem sendo desprestigiado por iniciativas falhas, por emprehendimentos artisticos precarios. Em breve havemos de tel-o nas mesmas condições do Rialto, que, á força de ser occupado por conjunctos sem valia, vive agora totalmente desprezado pelo publico.

A inauguração, com uma companhia franceza que trouxe no repertorio apenas a famosa opereta "Rose Marie" e duas revistas insulsas, foi o primeiro fracasso do João Caetano. Tivemos, em seguida, uma companhia de revistas nacional, vaiada solemnemente pelo publico, e, em seguida, veio a companhia brasileira de operetas que representou com musica de Sá Pereira e Pedrahita todos os ultimos films de Maurice Chevalier, Ramon Novarro e até mesmo do finado Rodolfo Valentino... Mais tarde, o sr. Jayme Costa installou-se no elegante theatro com uma companhia e um repertorio de emergencia, marcando um novo desastre. O exito de "Berenice", a linda peça de Roberto Gomes, foi uma excepção nessa temporada infeliz.

Agora, o theatro João Caetano está occupado pelo Theatro de Arte, do sr. Renato Vianna, que é, ao mesmo tempo, o primeiro actor, o director de scena e autor de todas as peças do repertorio. Moço de talento, o sr. Renato Vianna tem, entretanto, o defeito de uma vaidade excessiva. Se pudesse multiplicar a personalidade seria elle proprio toda a companhia, desde os actores aos machinistas, desde os scenographos aos contraregras, ponto, electricistas e bilheteiros...

Como autor, o sr. Renato Vianna tem direito a ser applaudido. Porque escreve, realmente, peças interessantes, unindo a audacia dos entrechos ao brilho da linguagem. Como "metteur-en-scene", porém, fracassou. A maneira pela qual se conduziram em scena certas figuras na representação de "O homem silencioso dos olhos de vidro" — que alguem nas rodas theatraes traduziu sarcasticamente para "O cego mudo" — é prova patente de que o fundador do Theatro de Arte não tem o pulso firme de um director de elencos. Mas o que é imperdoavel, sobretudo, é que o sr. Renato Vianna se apresente no palco como actor dramatico...

Falta-lhe vivacidade, desembaraço, senso theatral, naturalidade de gesticulação, justeza de inflexões, todos os attributos, emfim, que caracterisam os verdadeiros actores. A propria figura do sr. Renato Vianna é incompativel com a arte scenica. Rosto cavado, bisonho e jururú, o galã do Theatro de Arte tem o ar funebre de quem regressa do enterro ou da missa de setimo dia de um parente querido... Magrissimo, de estatura mirrada, quando enverga a casaca assemelha um gafanhoto em equilibrio vertical.

Sempre que o sr. Renato Vianna entra em scena a sensibilidade da platéa soffre um choque. Tem-se a impressão de que o galã é um individuo estranho á representação, que entrou no palco por equivoco e, atarantado, não sabe como se ha de safar...

Acreditamos que o sr. Renato Vianna não tenha enveredado pelo bom caminho, querendo ser tudo, ou quasi tudo, no seu Theatro de Arte. Não queremos avançar a affirmativa de que o seu exclusivismo artistico seja, no fundo, uma expressão de exclusivismo monetario. E' sabido que o Theatro de Arte é subvencionado pelo erario municipal. Quanto maior o elenco, menor serão as cotas da partilha aos societarios. O sr. Renato Vianna, que é o autor da idéa, poderia ter a intenção de receber uma fatia maior, sob as suas personalidades de autor, director, ensaiador e... que sei mais? Entretanto, preferimos pôr de parte essa hypothese, para acreditar nas boas intenções, no idealismo do sr. Renato Vianna... E por isso mesmo é que lhe endereçamos o nosso appello vehemente para que ponha um galã á frente do elenco do seu Theatro de Arte, para evitar que os que o admiram como autor venham a odial-o como actor...

Reportagem

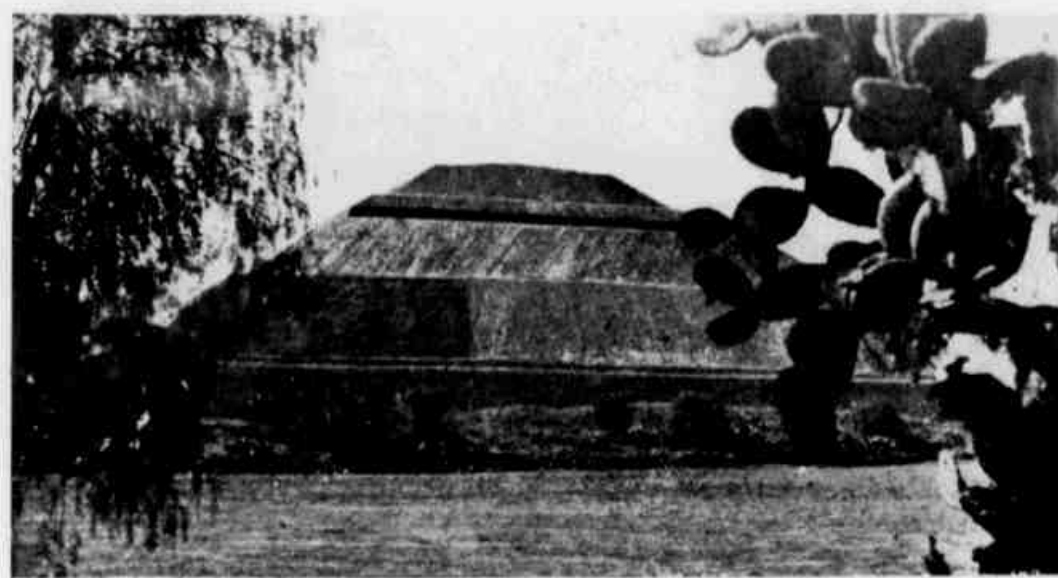
Na inauguração da mostra de arte dos pintores Haydéa e Manoel Santiago, que acabam de chegar da Europa, onde estiveram tres annos.

No studio da Radio Sociedade Mayrink Vieiga, quinta-feira da outra semana, depois da noite "Para todos..." que se repetiu esta semana e se repetirá todas as semanas, sempre com programma novo.

No Centro Paranaense, quando foi a festa offerecida á senhora Leonira Borba, que representou o Paraná no Concurso Interestadual de Pianistas.

M E X I C O

O rio do Lagarto Macho

AIME TSCHIFFELY

Pyramides de Teotikuacan.

A chuva era tão forte que eu e o meu guia, o bom Angelo, tivemos que parar numa aldeia chamada Huehuetan, composta de varios ranchos cobertos de palha. Num delles nos foi offerecido abrigo.

Era uma construcção baixa, com um unico aposento, que servia de cozinha, sala de jantar, dormitorio, e habitado por uma velha, o filho, duas mulheres e varias crianças.

O fogão ficava a um canto, e emquanto olhava o trabalho de uma das mulheres que preparava arroz e feijão, me puz a pensar como iriamos dormir todos naquelle espaço tão pequeno.

Parecia chover cada vez mais forte. Ao escurecer todos se approximaram do fogão; primeiro para comer e depois para contar historias de rios perigosos, de bandidos e de lagartos. As crianças, com as pupillas dilatadas pelo medo, buscaram refugio no regaço das mulheres.

Os cavallos estavam fóra; os recemcomprados amarrados ás arvores, e o meu Mancha solto. Devia ter procurado asylo junto do rancho, pois de quando em quando se percebia atravez da parede um respirar forte. Cada vez que isso succedia, as crianças, cuja imaginação fôra levada ao paroxismo do terror pelos contos macabros, estremeciam e se agarravam mais ás mulheres.

No aposento só havia a luz que projectava o fogão.

O dono da casa nos disse que no dia seguinte teriamos que atravessar um rio onde andava um lagarto enorme, feroz e astuto, que já atacára até homens montados a cavallo.

E accrescentou que entre os visinhos organisaram repetidas caçadas, sempre infructiferas, para dar cabo do reptil.

Então o meu guia tambem começou a se mostrar inquieto. Primeiro levantou-se e unindo as mãos sobre a cabeça, exclamou, numa voz tremula de falsete:

— Santissima Virgem Maria!

Depois, inclinou-se e se benzeu. As mulheres o imitaram. Angelo me pediu duas velas e, descendo da parede uma velha e descorada imagem da Virgem de Guadelupe, padroeira do Mexico, collocou-a entre as velas sobre um caixão de kerozene. Poz-se então a executar uns movimentos muito esquisitos, pedindo finalmente á Virgem que intercedesse junto de Santo Ignacio para que nos protegesse e nos preservasse de accidentes e desgraças na viagem e na travessia dos rios.

Um repentino golpe de vento que entrou por uma fresta da porta apagou as velas. Houve um grito de angustia no rancho. Em seguida fez-se um silencio pesado. E logo, alguem, expressando o pensamento dos moradores, confessou que Santo Ignacio nos negava auxilio. Os demais procuraram arranjar uma desculpa e uma explicação para a fatal decisão do Santo. Finalmente, Angelo achou que com certeza tinha esquecido algum detalhe da invocação á Virgem de Guadelupe. Entre medroso e triste me censurou, lamentando que entre os requisitos de viagem eu não levasse uma imagem de Santo Ignacio. Confessando a minha completa ignorancia nesses assumptos, declarei que desconhecia os poderes desse Santo, embora o seu nome me fosse familiar. Então me fizeram saber que Santo Ignacio é o protector dos viajantes.

Angelo, convencido de que rezara descuidadamente, buscou forças novas e accendeu as velas. Repetiu a cerimonia preliminar, com mais convicção ainda. Disse á Virgem que como não lhe era possivel dirigir-se directamente a Santo Ignacio, como devia, por não ter uma imagem delle, pedia a ella, humildemente, que tivesse a bondade de falar ao Santo, expondo-lhe o nosso caso — ahi estendeu-se em detalhes — e lhe implorasse a protecção e efficaz auxilio. Terminada a peroração, feita nos termos mais floridos e sentidos que poude encontrar o bom Angelo, encerrou-a com um cerimonial semelhante ao preliminar, apagou as velas e repoz a imagem na parede.

Contentes com o desenlace da segunda oração, estenderam no chão pelles e mantas e dentro de pouco todos dormiamos.

A fumaça do fogão me despertou cedo, e ao olhar em torno, vi que todos já se tinham levantado, embora fóra fosse ainda noite fechada. A chuva passára, e quando sai da cabana, Mancha, que estava pastando, me saudou com o relincho habitual.

Depois de um saboroso café, arrumamos os cavallos e partimos.

A estrada estava quasi irreconhecivel e em certos pontos intransitavel. Arvores e ramos obstruiam a passagem e muitas vezes o guia teve que abrir caminho com o machado. Em longos trechos caminhamos dentro do barro ou da agua. Felizmente Angelo conhecia a região, pois do contrario nos teriamos perdido irremediavelmente. Comtudo, houve momentos em que não sabia si seguiamos o bom caminho, e varias vezes teve que se adiantar para fazer reconhecimentos. Entre juramentos e imprecações discutiamos sobre a "toca do lagarto macho", como haviamos baptisado o rio do qual tanto mal nos tinham falado na vespera.

Ao cabo de muitas horas de lento e penoso andar, molhados e embarrados até á cintura, chegamos a um rio amplo, de aguas lentas e sujas, que mais parecia um immenso pantano. Luxuriosas plantas aquaticas de grandes folhas cresciam fartamente, impedindo-nos a passagem e a vista, e os mosquitos nos envolviam em verdadeiras nuvens. Pouco tardamos em attingir o ponto que, a estar certa a narrativa da vespera, devia ser o logar malefico.

Para molhar o menos possivel as alforjas, nós as levantamos, prendendo-as ao tope da carga, por meio de uma correia. Prendi tudo bem de um lado, recommendando a Angelo que fizesse o mesmo do outro, mas, por qualquer motivo, elle se esqueceu de seguir á risca as minhas instrucções.

Tudo prompto, entramos no rio. O guia ia na frente e eu seguia atraz puxando o cargueiro. Ao chegarmos ao barranco opposto, que tinha uns tres metros de altura, a agua dava até a metade da anca dos cavallos. Procuramos saida por um corte do barranco, anguloso e muito escorregadio. Custou muito ao cavallo do meu companheiro ver-se livre do barro que formava o leito do rio, mas finalmente saiu airoso. O cargueiro já subia tambem quando, de repente, a carga caiu para um lado, mas, como eu amarrára bem a correia, ficou dependurada. O cavallo se espantou e com poucos saltos ganhou o alto. Activei Mancha e logo chegamos em cima para ver como o cargueiro ia aos corcovos e saltos entre as arvores, arrastando e pisando a carga preciosa.

Como a gente daquella região acceita unicamente moedas de prata, eu levava uma respeitavel provisão de tal dinheiro. Iam, tambem, varios instrumentos, remedios, roupas, etc. A cada patada saiam nuvens brancas, que me faziam pensar que se tinham arrebentado as caixas de talco e de bicarbonato de soda. De repente, o pobre cavallo, louco de espanto, me atropelou. Mancha recebeu tão tremendo coice, que se levantou como uma arvore, recuou, resvalou, e fomos os dois rodando barranco abaixo.

E submergimos na agua do rio. Lembrei-me do lagarto macho, e até hoje não comprehendo como pude continuar montado, pois durante varios segundos estive debaixo dagua com Mancha em cima de mim.

Quando ganhamos novamente o alto e a terra firme, encontrei o cargueiro tombado no chão, enrolado nas redeas e na bagagem. Incontinente o desvencilhei de tudo, e com máos presentimentos comecei a investigar o damno soffrido. As alforjas estavam rasgadas em varios pontos; um apparelho photographico — o terceiro que perdia na viagem — recebera uma patada e se tornara uma coisa desconhecida. Instrumentos, remedios, assucar, feijão, etc., tudo formava uma misselanea barbara, com um cheiro indefinivel. Para cumulo de desgraça, quasi todas as minhas moedas de prata se tinham perdido. Joguei fóra o que se tornara inutil, lavei algumas coisas e as estendi ao sol para seccarem.

Angelo, de pé, coçava a cabeça e pedia desculpas, pois sabia que era o responsavel pelo desastre.

— Que sorte! — exclamou — o lagarto não estar aqui perto quando você caiu nagua!

E nos puzemos a procurar as moedas perdidas. O rasto de pó branco e as plantas achatadas nos ajudaram bastante a seguir o caminho que fizera o cargueiro e com um pouco de trabalho recobramos parte do thesouro perdido.

O cair da tarde nos encontrou ainda revolvendo entre plantas e barro, e quando a fome apertou, lavei uns feijões para tirarlhes a substancia medicinal que os cobria e cozinhei-os com cebolas.

Pela madrugada seguimos viagem. Faltavam-me umas sessenta moedas, mas resignei-me facilmente, pensando que no fim de contas a aventura do rio do Lagarto Macho valia bem essa quantia.

Indiasinha.

O CAVALLO

Por CYRIEL BUYSSE

A scena foi muito curta, e — isso, sem duvida, é um paradoxo — ao mesmo tempo, muito lenta e muito rapida.

No meio da rua, recentemente restaurada, espoujando-se na areia fina e amarella, tres crianças brincavam. Conservo-as ainda diante dos olhos, e parece-me que as verei sempre, assim como me recordarei eternamente da scena que se segue. Eram uma menina de sete ou oito annos, rosto corado, grandes e candidos olhos azues, cabellos muito negros e abundantes, caidos em desordem sobre a nuca e as faces; um menino de quatro ou cinco annos, gordo, corado e louro, com um ar de gnomo, de calças remendadas, muito largas e muito altas, presas por suspensorios gastos, cujos botões ficavam quasi nas pequenas espaduas; e um bêbê sem idade, de saias, assentado, um pequeno forte de grandes olhos inexpressivos e cabellos louros, lindamente encaracolados.

Não sei qual era o brinquedo. Nenhum, sem duvida, remexiam a areia com as mãos sujas, rolavam no sol, gosando como animaes a doçura primaveril do ar. Ninguem os vigiava; a pequenina aldeia parecia adormecida numa sesta bemaventurada, as varias cabanas de reboco como que abandonadas, ás margens da interminavel estrada recta, plantada de dois renques de faias.

Assentado num banco á sombra, diante do unico albergue do logar, eu estava meio adormecido, fatigado da minha longa viagem em bicycleta. Tinha já, naquelle encantador e quente dia de Maio, uns quarenta kilometros nas pernas; faltavam-me outros tantos para attingir o ponto terminal da minha excursão. Cochilava um pouco, num grande bem estar, os olhos fechados, entre os labios o pequeno cachimbo inglez, do qual tirava, de vez em quando, uma fumaça; a minha boa machina, minha esplendida companheira de passeios, encostada a mim.

De repente, gritos agudos de terror me despertaram sobresaltado. Puz-me de pé, e, num relampago, vi um espectaculo que me horrorisou, que me prendeu, estupefacto, ao chão.

No meio da rua, diante de mim, no logar onde, pouco antes, brincavam as crianças, um alto e pesado caminhão coberto por um toldo preto e puxado por um enorme cavallo castanho, passava, numa leve trepidação ensurdecida pela areia. E, ao mesmo olhar, como á luz do mesmo relampago, emquanto, com as mãos tremulas comprimia as fontes e que de horror abria a bocca para gritar, sem conseguir emittir nenhum som, vi o cocheiro do caminhão dormindo de barriga para o ar sobre o toldo, as duas crianças maiores: a menina e o menino fugindo para junto das casas, e o pequeno, o bêbê, só, no meio da rua, assentado, inconsciente do perigo. Não teve tempo nem de correr. o pesado cavallo estava em cima delle!

Mas não... não estava em cima delle... No momento em que pensei assistir a um esmagamento horrivel, vi o animal parar um segundo, baixar a cabeça para a criança, como para a beijar, depois, abrindo muito as patas, passar lentamente por cima della com o caminhão, sem siquer tocal-a de leve.

Gritos de alarma, clamores, portas violentamente abertas; o menino e a menina berram apanhando palmadas; e, uma mulher que se precipita, pallida, descabellada, agoniada, segura o pequeno intacto. Então o cocheiro, despertado pelo barulho, salta do caminhão, olha em torno, comprehende o que acabava de se passar, põe-se a dar de chicote no animal, esbravejando blasfemias e maldições terriveis.

Só nesse momento eu intervenho. Atiro-me, com lagrimas nos olhos. Parece-me que vou estrangular aquelle homem. Mas, antes mesmo de agarral-o, sem poder comprehender como isso se faz, nem como é possivel, acalmo-me, fico completamente calmo. E, é com uma voz amavel, uma voz cheia de reconciliação, que eu lhe digo, batendo-lhe no hombro:

— Camarada, não castigue o animal, venha antes tomar um copo de vinho commigo.

Elle se volta, pára de chicotear, olha-me com um olhar desconfiado, ainda flammejante de colera. E, entre nós, durante um segundo, se passa um drama inexplicado, inexplicavel. Si elle bater ainda, si bater ainda uma unica vez no animal, eu salto em cima delle, esmago-o, estrangulo-o; sinto isso, não ha duvida. Si não bater mais o perdoarei, e terei feito uma boa obra, a minha doçura despertará nelle, pela primeira vez, uma fibra de humanidade e de piedade que, para o futuro, vibrará ainda muitas vezes.

Elle não bate mais... elle deve ter lido, na estranha chamma do meu olhar, o que inevitavelmente se ia passar; elle deve ter sentido, na sua alma inculta, como o contacto de um fluido sympathico, a doçura e a piedade que enchiam a minha. Sim, está apaziguado, atira o chicote para cima do toldo, detem o cavallo.

Busco com os olhos, entre a multidão gesticulante que se juntou no meio da estrada a mulher do botequim; peço-lhe dois copos de vinho. Depois, approximando-me do cavallo, tomo-lhe a cabeça nas minhas mãos e acaricio-a, acaricio-a commovidamente.

— Camarada, digo ao carroceiro, posso dar a elle um pouco de aveia?

— Como queira, meu senhor, responde o homem, muito baixo, quasi envergonhado.

A mulher chega com o vinho; bebemos. Peço um bocado de aveia para o cavallo. Ella traz numa cestinha.

O carroceiro tira o freio do animal, e este, com uma mastigação continua e faminta, come, até mesmo a cesta, que eu seguro com a mão esquerda, emquanto que, com a direita, acaricio-lhe a cabeça e a crina. Fico assim longamente, com gestos lentos e repetidos, acariciando mais e mais, e de repente, perturbado pela emoção, tolamente ponho-me a chorar. Não podia conter as lagrimas, ellas correm embora todos os meus esforços, correm e devem correr, molham os ultimos grãos que o pobre animal cata, no fundo da cesta, esfregando os labios.

Acabou-se. A cesta está vasia, o carroceiro colloca de novo o freio, o caminhão parte. Estendo ao homem a mão que occulta uma moeda de cinco francos.

— Para beberes outro copo no caminho.

O homem não ousou mais falar, nem me olhar, de tal forma estava emocionado.

Parei um instante para ver o caminhão se afastar. Qualquer coisa deve estar mal arranjada, pois, dahi a um instante, o carroceiro pára de novo e salta para o chão. Vi que apalpava o pescoço do cavallo, e arrumava não sei o que. Feito isso, antes de subir para o seu posto, acariciou o animal com um gesto amigo. Depois voltou para o caminhão e, tirando de cima do toldo o chicote, lá se foi, estalando-o e rodopiando-o no ar, muito acima do cavallo, alegremente, como uma protecção encorajante, como uma canção.

Então, com um profundo suspiro de allivio, segui o meu caminho.

"O HERCULES"

Desenho de Di Cavalcanti

O Pintor do Sol

Conductora de Camellos na Nubia

Adam Styka

Idyllio em Marrocos

O Rio vae receber em Junho a visita de um artista notavel: o pintor polonez Adam Styka. De Buenos Aires, onde está obtendo um exito excepcional, elle enviou a "Para Todos..." tres photographias de quadros seus, aqui reproduzidas. O nome que lhe déram, de pintor do sol, está bem marcado nas télas ardentes e luminosas que "Para Todos..." divulga em miniatura, nos clichés desta pagina.

Boas vindas, Adam Styka!

A cidade do sol espera o pintor do sol.

Os Bisharins no Alto Egypto

BAHIA

MONT SERRAT

PHAROL DA BARRA

MONT SERRAT

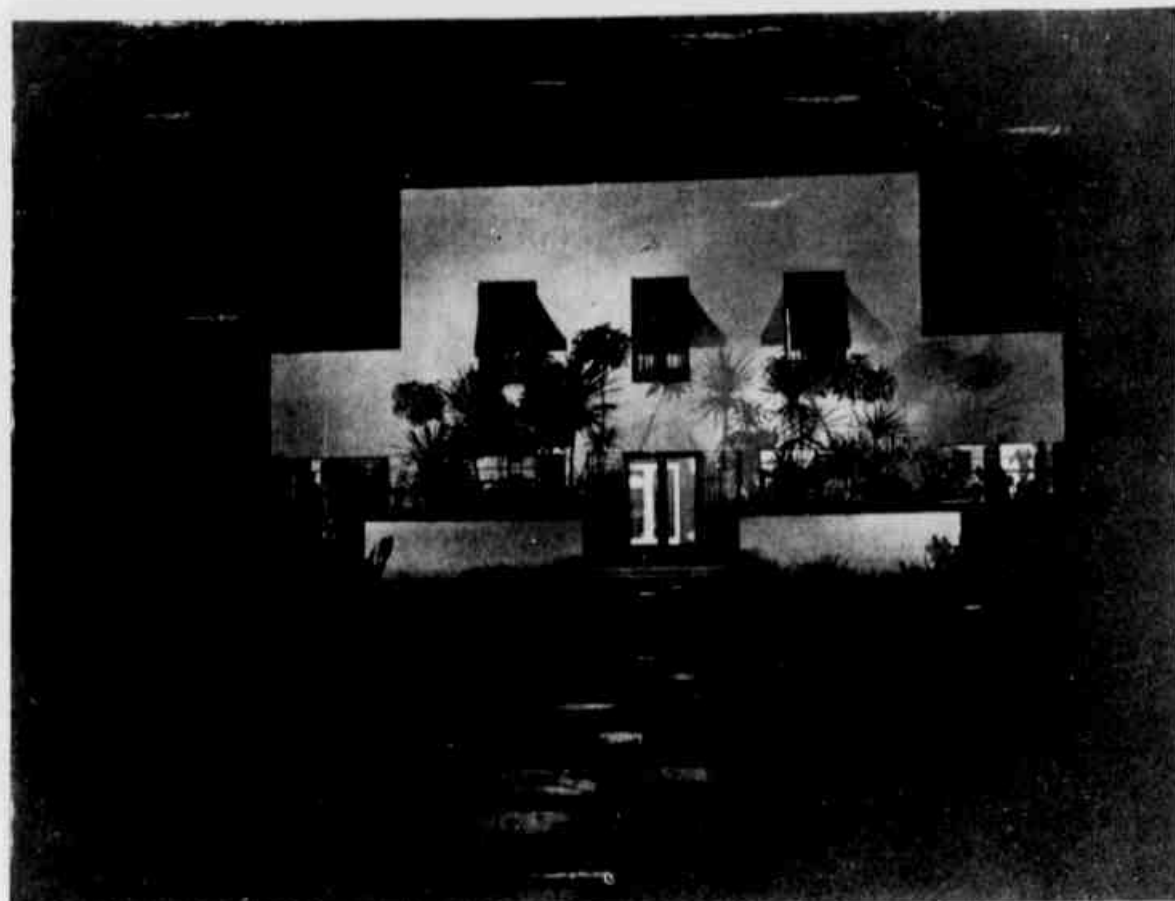
"Para todos"... esteve:

no Jardim Zoologico durante a festa em beneficio da nova Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Engenho de Dentro;

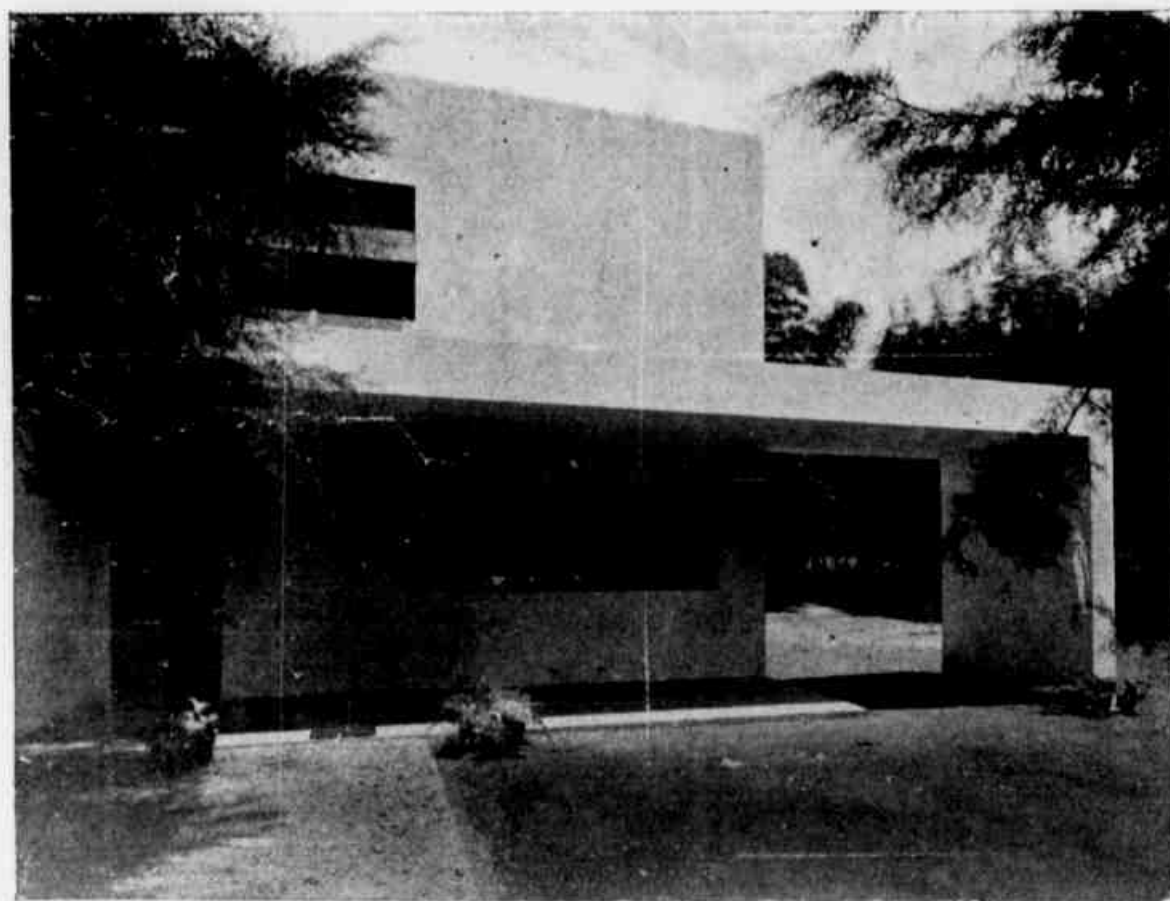
no almoço que os amigos dos senhores Ruy Carneiro e Plinio Lemos, officiaes de gabinete do Ministro da Viação, lhes offereceram no regresso delles da Parahyba, onde foram passar férias;

na abertura das aulas do Instituto de Educação né Escola Normal.

Architectura moderna

Construcção de G. Warchavchik

Sala de estar da casa do senhor Luiz da Silva Prado, em São Paulo.

Construcção de G. Warchavchik

São do autor destas fachadas e deste interior estas palavras: "E' pura literatura toda a tentativa de fazer estylo, copiar estylo, tradicionalisar estylo. Não ha estylo. Ha apenas arte, architectura propria a cada época".

M U S I C A

Senhora Tecla Lepsius que obteve um lindo triumpho no concerto do Club Germanico em commemoração do 2.º centenario de Franz Joseph Haydn.

Wanda Landowska

Ha duas especies de musicistas. Os que amam a procura de documentos raros e a decifração dos mesmos, e os que pensam logo em fazel-os reviver. De um lado, a sciencia; do outro, a sciencia e a vida.

A celebre cravinista Wanda Landowska, que tambem é apaixonada pela musicologia, põe o coração e o cerebro, os dedos e os conhecimentos ao serviço da musica, para a felicidade de todos aquelles que têm ouvido e sabem ouvir.

Por occasião da venda da famosa collecção de Prieger em Bonn, Wanda Landowska teve a sorte de adquirir as partes separadas do "Concerto em sol menor" para cravo de Ph. E. Bach, copiadas á mão por E. L. Gerber. O manuscripto estava em perfeito estado. A obra da qual Ernest Ludwig Gerber (seu pae, Henri Nicolas, foi discipulo de J. S. Bach) copiou as partes em 1766, data de 1754 e está collocada não sómente entre as mais bellas de Bach, mas entre as mais significiativas da época, tanto pela qualidade musical intrinseca como pelo valor historico.

Roberto Vilmar, artista bem querido do Rio, que foi para a Italia completar os seus estudos de canto. Photographia feita na noite em que estreou, com immenso successo, no papel de Germont, da "Traviata", em Milão.

Foi com o auxilio dessas partes e do manuscripto original que Wanda Landowska poude reconstituir a partitura com a qual o O. S. P. deu a primeira audição em Paris.

Sabe-se o cuidado que a grande cravinista tem com o lado historico e o seu conhecimento profundo da musica, do estylo e dos escriptos théoricos dos seculos XVII e XVIII. A minima indicação no texto influe nas suas realisações, na sua interpretação cuja authenticidade póde-se garantir. Quanto á execução, que mais dizer da incomparavel artista?

Os seus dedos dão vida ás obras de outras épocas. Com o senso nato da polyphonia, a sciencia do registro, Wanda Landowska transforma o cravo numa especie de orgão de multiplos olhos, entremeando o andamento magestoso, entrechocando as resonancias...

* * *

A R. C. A. - Victor Co. acaba de concluir um disco de tamanho commum que toca sem parar durante mais de meia hora. Tem o duplo de espires de um disco normal e o numero de voltas é de trinta e tres por minuto em vez de setenta e cinco. A materia plastica com a qual o disco foi fabricado reduz consideravelmente os ruidos da superficie; além disso é flexivel, por conseguinte praticamente inquebravel. A primeira gravação realisada graças a essa descoberta, a da "Quinta Symphonia" de Beethoven pela orchestra de Philadelphia dirigida por Stokowiski, é notavel como sonoridade e como qualidade musical.

Ephygenio Roussouliéres que dá, quinta-feira, 28, ás 9 horas da noite, no Studio Nicolas, um recital de canções.

A logica do paradoxo

Alfredo Cumplido de Sant'Anna

Personagens

Depois da desilusão do amor, ele se tornára constante transgressor de todas as leis. O outro era advogado. Conheceram-se no tribunal do juri, quando ambos assistiam a um julgamento rumoroso.

1.º Cenario

O lampeão a gaz iluminava a praça mantendo as tradições da cidade, que em amplas avenidas se espreguiçava á beira do mar misterioso. Cançados da humilhação de todos os dias, os trilhos polidos cintilavam entre as pedras irregulares do chão.

Cena I

O notivago parou, olhou em derredor e se encostou a um poste como quem esperasse alguem. Uma ponta de cigarro, ainda acêsa, descreveu no ar uma trajectoria luminosa e se ficou extinguindo na grade do boeiro, na sargêta.

Cena II

Um apito trilou, distante, como um bumbido fraco. O notivago estremeceu mas logo se aquietou, porque o silencio abafou o zumbido. Olhou as janelas das casas. E se deixou ficar no mesmo logar, encostado no poste.

Cena III

O apito novamente espantou o silencio e fez estremecer o notivago, que se pôs a andar, a andar, deixando a praça para traz, descendo a rua tortuosa, suavemente ingreme, até que entrou no café boêmio.

Cena IV

— Chopp!

....

....

— Mais chopp!

2.º Cenario

No outro dia.

Sobre a areia fina crianças cavavam buracos, tentavam construir castelos, riscar bandeiras, bichos, bonecos e balões. Atletas. Banhistas de carne moça, tostadas, na policromia dos *maillots*, corriam, saltavam, riam, cabriolavam, para finalmente se entregarem á caricia volutuosa das aguas verdes e das espumas claras.

Cena unica

O notivago abeirou-se do cáes. Derrepente, tocaram-lhe no braço.

— Tu, aqui!

— E' verdade. Distraí-me, e não notei que a noite acabava. O sol me surpreendeu naquele banco.

— Não gostas da luz?

— Gostei. Hoje, não posso é viver nela.

— Sim. Compreendo. Mas não tens razão. Precisas é pensar. Raciocinar com frieza para concluires melhor. Não és tão nocivo quanto te julgas.

— Mas...

— Não. Nada disso. A lei é a expressão de uma necessidade social. Todas elas devem ser uteis. Ademais não se compreenderia uma lei que não fosse ditada por uma necessidade imediata. Ela não passaria de mero jogo literario se não houvesse quem a transgredisse. O transgressor, portanto, não é, como falsamente supões, um individuo nocivo á sociedade. Ele é, antes de tudo, um elemento de grande valor moral e social. Nele se assenta o vasto edificio das instituições juridicas de um país. Sinão, vejamos: o roubo. A lei penal, punindo-o, exige que alguem o pratique.

— Como assim?

— Ora essa! Calcula tu que ninguem roubasse, que á barra dos tribunais, desde que se fez o codigo penal, ninguem houvesse, até hoje, sido processo por esse delicto. Não seria esse dispositivo totalmente inoquo, ridiculo? E a sua inutilidade não atestaria mal a cultura de um povo que elaborava leis sem aplicação?

— Sem duvida.

— Outro exemplo: o comercio clandestino de entorpecentes. Não pareceria absurdo tambem uma norma repressiva si se não praticasse esse delicto?

— Certamente.

— E a quem devemos nós, a quem deve o país a fama da sua cultura juridica? Quem permite que nos congressos, nos institutos cientificos, se proclame o adiantamento intelectual de um povo, capaz de conceber leis tão sabias?

— Quem?

— O transgressor, que a nomenclatura juridica ora chama de criminoso, ora de contraventor. Ele, só ele. O Estado inventa o crime, ele o pratica. A lei o classifica, ele escolhe o mais atraente, de acordo com a sua indole, justificando aquela. Não te parece isso uma alta manifestação de civismo e de abnegação patriotica?

Olha! todo país deveria erigir monumentos ao transgressor da lei. Assim penso e assim o faria, si dependesse de mim.

Epilogo

O tribunal regorgitava. A ansiedade pelo *veredictum* dos jurados era cada vez mais intensa. Parecia que ninguem respirava. Por fim, o juiz se ergueu e leu, com vóz pausada, a sentença condenatoria do homicida a favor de quem não fôra reconhecida nenhuma das atenuantes da lei. Enquanto isso, o patrono do réo recebia cumprimentos entusiasticos pelo brilho da tése defendida: perturbação dos sentidos e da inteligencia, pelo uso continuado de entorpecentes.

Desenho de Di Cavalcanti

Visita ao monumento de Christo Redemptor.

Guardas-Marinha de 1896

Antes do almoço nas Paineiras

Entre os livros

Dante Costa

CARTAZ

Bernard Shaw é o maior malabarista deste seculo. Tem uma habilidade daquellas. Parece que aprendeu com os brasileiros a ser de circo. E' tão habil, tão habil, que consegue ser applaudido pelo publico que elle mais aperreia com a sua mordacidade incommoda...

Todos os seus numeros ganham palmas. Quasi todos, pra ser justo. A's vezes acontece um silencio feito pelos nullos, que, por signal, são sempre silenciosos. Mas Bernard Shaw bem pouco se importa com isso, porque, pra elle, a opinião publica ainda vale menos que um nobre italiano!...

Bernard Shaw é o escriptor inglez menos inglez do mundo. Mais sem formalismo. Menos britannicamente chapa. Um menino ironico, machucador e moleque. Um guri de 72 annos de edade que vive de calças curtas brincando com as coisas serias...

Nos seus livros elle põe todas as ruindades, as imperfeições as coisas que os outros afastam com medo. Péga o assumpto, examina, olha, e prefere sempre o lado que encabula... A sociedade ingleza tem tido cada raiva que é um gosto. Algumas vezes acontece que ella protesta e exige explicações. Então elle explica mandando pros jornaes uma fraze que confirma tudo e uma photographia que desorienta..

A turma vê a photographia, espia aquellas barbas brancas tão ironicas, e se esquece de lêr a confirmação. Fica no retrato. Góza o cynismo delle. E tem, mesmo, uma vaga inveja daquelle homem que, neste tempo apertado, é o unico animal que ri...

Bernard Shaw é assim.

Como todo o sujeito risonho e vivo, é inquieto — gosta de viagens e de paizes novos. Na Russia, onde esteve no anno passado, depois de ter sido recebido por uma multidão immensa, ouvido alguns discursos e comido um banquete, levantou-se e falou: "Senhores! Eu sempre fui dos vossos. Eu já era marxista e socialista muito antes de Lenine nascer!..."

Bernard Shaw é Bernard Shaw.

NOTICIAS

Ribeiro Couto, o poeta e o prosador magnifico que toda a gente admira vae publicar: *Instincto do Brasil*, edição de Schmidt.

* * *

Depois de *O Quinze*, esplendida revelação, Rachel de Queiroz escreveu um romance que está sendo anciosamente esperado: *João Miguel*.

* * *

Paschoal Carlos Magno annuncia para breve *Eu, os outros e a multidão*, romance. Teimosias...

* * *

FEIJO' — *de Oswaldo Orico* — Civilisação Brasileira Editora.

Feijó vem projectar na nossa sensibilidade e no nosso espirito a vida victoriosa daquelle padre afortunado que, pela intelligencia e pelo caracter, ficou na historia nacional como uma das figuras melhores.

A sua carreira, rapida e sem indecisões, foi a trajectoria de um grande espirito. E a sua efficiencia, um exemplo magnifico pra esta terra envenenada de sonho. O brasileiro, geralmente, é um cidadão amigo das bôas phrases sonoras, admirador dos poetas do enthusiasmo, litterato e poeta elle mesmo, mas de um singular desamôr pela acção. Difficilmente se acclimata com ella. Fica no projecto mirabolante, no plano phantasista meio infantil. Diogo Antonio Feijó era exactamente o homem incisivo, de uma intelligencia sempre irmã da realidade, dono de um espirito energico que não se perdia em divagações que o afastassem do panorama que tinha pra vêr.

Oswaldo Orico traça-lhe o perfil com uma segurança magnifica. O jovem escriptor, cujo espirito creador entrou em plena maturidade, sabe collocar nas paginas do seu livro a belleza e a harmonia do homem de sensibilidade apurada, alliadas á ponderação e ao raciocinio do estudioso erudito. *Feijó* é um livro perfeitamente realizado. Alli está uma projecção viva e verdadeira do "demonio da regencia", o personagem feliz que, simples engeitado, foi, um dia, o regente da ultima monarchia americana.

E' interessante observar as repetições que a historia apresenta. Esse homem, esse Feijó conservador, austero, e revolucionario paradoxalmente legal, viveu episodios que justamente cem annos mais tarde se iriam reproduzir. A semelhança deste momento inquieto que o Brasil está vencendo com aquella época agitada e crespa de Feijó é singular. E certas coincidencias existem que poderiam ter sido habil e opportunamente sublinhadas pelo victorioso escriptor...

Mas Oswaldo Orico não fez livro de successo ephemero e repercussão apenas actual. O seu *Feijó* tem a pureza de fórma, o harmonioso encanto e a solidez dos livros definitivos.

Theodomiro Tostes que publicou "Bazar".

MODAS

Em baixo: Casaco de couro branco sobre saia de escosses impermeabilisado. Manteau eu couro azul marinho. Crépe da China verde impermeabilisado com guarnições de crépe verde-claro.

A' direita: Manteau de couro preto guarnecido de couro branco impermeavel em crépe da China beije com écharpe e botões vermelhos.

Approxima-se a estação das chuvas quotidianas e com ella a necessidade de escolher um impermeavel. A voda movimentada das cidades não póde mais admittir o uso dos guarda-chuvas, que, além de anti-estheticos, perturbam extraordinariamente o transito. E são mais perigosos do que os automoveis, porque para elles ainda não inventaram signaes, nem policiamento, aggridem impunemente as pessoas que passam por perto, mostrando uma predilecção muito accentuada pelos olhos dos indefesos transeuntes...

Quanto aos impermeaveis, são elegantes, praticos, e muito mais confortaveis. Os ultimos modelos apparecidos têm um cunho de elegancia inconfundivel. Quasi todos são em couro, mas, como o couro não é um material accessivel a todas as bolsas, os mesmos modelos são copiados em sedas impermeabilisadas.

AO SOPRO DOS VENTOS, DOS VENTOS FURIOSOS

— FIM —

— Agora escuta. Bem, então, era uma vez...

Sanka pára um instante, e Grigne, apressado, bebe as lagrimas e suspende a respiração.

— Bem, então, era uma vez... Havia um velho e uma velha. No fundo de uma floresta espessa. Elles tinham uma neta. Tão bonita, tão meiga, tão branca, que parecia um cordeirinho.

Grigne, com um pequeno soluço involuntario, ainda suffocado pelas lagrimas, fecha os olhos. Elle vê a floresta espessa, a pequena "Khata" limpa, de janellas pintadas de claro, como a casa da irmã de mamãe, onde o papae o levou uma vez em visita. E a netinha branca como um cordeirinho, de olhos muito azues, e cabellos muito frisados.

— Elles viviam muito contentes. A neta crescia. Cada dia se tornava mais bella, tão bella como não havia outra no mundo.

— A menina? — murmura Grigne.

— Sim, a menina. Nem o tzar tinha uma filha tão bella. E intelligente, esperta, ajuizada como uma santa.

— Como se chamava?

— Ella se chamava... Não me interrompa, escute sem dizer nada. Elles viviam muito contentes. Mas, uma vez a filha do tzar encontrou a menina e ficou com ciumes. A filha do tzar era feia: toda bexigosa, com uns olhinhos pequenos, apertados...

"Como tu?", quiz perguntar Grigne, mas conteve-se para não interromper.

A voz do vento na chaminé torna-se profunda e doce como o zumbido de uma abelha. A lamparina, enfeitiçada pela historia, não pestaneja mais; parece que, prendendo a respiração, ella abre completamente o seu unico olho.

A historia continúa sempre. A má tzarevna, feia e bexigosa, não supporta a belleza da menina branca. Ordena aos vassalos que roubem a menina e a conduzam á presença della. Como é tambem feiticeira, e tem segredo dos maleficios, se apropria de todos os encantos, de toda a belleza da menina e em troca lhe dá as marcas de variola e os pequenos olhos apertados. Para que ninguem desconfie, manda levar a menina para longe, bem longe, e atiral-a na floresta para alimento dos lobos. Mas antes que apparecessem os lobos, um homem passa na floresta, vê a menina debaixo de uma arvore, e leva-a com elle. Em casa, faz della a sua criada. Mas ninguem gosta della porque ella é bexigosa e feia. Não tem mais ninguem no mundo, nem pae, nem mãe. E' orphã e só no mundo.

— Como tu? — pergunta Grigne, que levanta a cabeça.

Mas Sanka vira o rosto para a parede e fica silenciosa.

Grigne puxa-a lentamente pela manga da blusa esburacada, que cheira a sabão e a cebola. Depois, abraça-se estreitamente á Sanka, leva a mão ao rosto della e acaricia-a como faz mamãe quando elle está triste. Grigne sente sob a sua mão aquella face quente, humida e enrugada. Grigne tem vontade de chorar, descança a cabeça sobre os quadris de Sanka e, agarrado a ella, se põe a soluçar.

Sanka deita-o carinhosamente, endireita a almofada, colloca-a sob a cabeça de Grigne. Grigne, atravez dos cilios molhados, olha o rosto de Sanka banhado em lagrimas e murmura num suspiro:

— Eu vou gostar de você, Sania.

Ella, sempre silenciosa, acaricia a pequena cabeça loura.

— Queres outra historia? — pergunta ella, escondendo o rosto.

— Não, não quero mais. Canta...

Sanka sabe cantar tristemente, com uma voz muito pequenina.

O vento se acalma na chaminé, depois começa a murmurar baixinho.

Não se ouve mais a chuva nas janellas fechadas. A lamparina pisca, pisca, como se tivesse vontade de chorar.

Sanka suspira e começa docemente:

Ao sopro dos ventos, dos ventos furiosos
As arvores se curvam.
Lagrimas que queimam me vêm aos olhos
E o meu coração soffre.

Grigne sente que os seus olhos tambem queimam. E' a mesma canção qeu ás vezes mamãe canta. Mas nunca ella o commoveu tanto como hoje.

Só as lagrimas, as lagrimas amargas
Me alliviam.

As lagrimas correm ao longo das faces de Grigne, e, com effeito, elle já se sente alliviado. Está bem. Está triste. Está meigo. Um mole calor pesa-lhe sobre os olhos humidos, a voz de Sanka o envolve. E eil-a que se afasta, que se torna cada vez mais fina, que se perde por fim.

O vento na chaminé zumbe como um bezoiro. A lamparina, quasi morta, crepita com agonia, pisca vivamente, assusta-se e se apaga.

Duas cabeças, rosto contra rosto, dormem no mesmo travesseiro.

Flóra de Jesus Rodrigues com Adalberto Lisboa Guerra.

CASAMENTOS

Leonor Piragibe com José Cario.

A 1.ª ESCOLA DE COSINHEIRAS ORGANISADA PELA COMPANHIA DO GAZ

A Companhia do Gaz, numa iniciativa muito louvavel, organisou uma escola para cosinheiras, cuja inauguração, na terça-feira da semana passada, constituiu um successo extraordinario, alcançando a matricula, logo no primeiro dia, o numero de quarenta e oito alumnas.

A senhora Wilma Kastner, directora da Escola de Cosinheiras, attendendo a duas candidatas.

Mr. William Harges, chefe da secção commercial do departamento do gaz, expoz aos jornalistas presentes á inauguração as finalidades da nova escola que, dirigida pela sra. Wilma Kastner, ensinará as seguintes materias:

1.º — Economia da cozinha e gaz, seu manejo.

2.º — Asseio e ordem.

3.º — Selecção dos legumes, seu valor nutritivo.

4.º — Manejo do forno, sua limpeza.

5.º — Selecção da carne para os diversos alimentos.

6.º — Assar carne no forno a gaz.

7.º — Massas e bolos no fogão a gaz.

8.º — Modo de usar os ingredientes nos alimentos.

9.º — Selecção dos mariscos e ostras; sua preparação.

10.º — Conservação dos utensilios da cozinha com ordem e asseio.

11.º — Sobremesa para as diversas refeições.

12.º — Tortas e pasteis.

Explicações geraes nas aulas sobre o manejo do fogão a gaz nas diversas cozinhas; cocção lenta dos alimentos; como aproveitar do melhor modo as vitaminas que contêm; limpeza da cozinha e dos seus utensilios; asseio da empregada encarregada desses serviços.

Antes de uma aula.

Pelo exposto verifica-se que a organização da Escola de Cozinheiras feita pela Companhia do Gaz é uma instituição de immensa utilidade e que vem preencher uma grande lacuna nesta capital.

Terras e gente de longe

A PRECE NAS AREIAS DO SAHARA

Do principio ao fim do mundo mussulmano, a oração é feita á tarde, á mesma hora, quando o sol declina

TUNIS

Typo da população indigena que vive na velha cidade arabe de Medina

MARRAKECH

A cidade das paredes vermelhas, edificada ao pé da alta muralha nevosa do Atlas. E' o unico oasis do Marrocos Occidental

São Paulo

Senhor Cesar Ladeira, o querido speaker da "Radio Sociedade Record".

Senhorita Laura Pergentino de Freitas

Senhora Pedroso Camargo

(Photos Cerri)

Río

Na inauguração, a semana passada, do "Foto-Studio Rembrandt", com a presença dos jornalistas Annibal Bomfim, Chermont de Brito, Amorim Netto, Licurgo Costa, Hugo Auler, Raphael de Hollanda e o nosso companheiro Luis Martins.

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

PREVIDENTE

(FUNDADA EM 1872)

RIO DE JANEIRO

Séde: RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 49

(EDIFICIO PROPRIO)

TELEPHONES: Directoria, 4-1561 — Gerencia, 4-2161

SÃO PAULO | Succursal: RUA QUINZE DE NOVEMBRO, 53
TELEPHONE: 2-1190

Capital integralizado	2.500:000$000
Reservas	3.795:924$500
Immoveis, apolices e outros valores	6.552:086$600
Deposito no Thesouro Nacional	200:000$000
Sinistros pagos	17.860:931$207

TAXAS MODICAS

Balanço em 31 de Dezembro de 1931

ACTIVO

Immoveis:			
28 predios de propriedade da Companhia (valor do custo)		2.383:825$500	
Titulos:			
1.000 apolices da Divida Publica de 1:000$ cada uma, de diversas emissões, nominativas, juros de 5 %	903:493$100		
1.000 ditas do Estado do Rio de Janeiro, nominativas, de rs. 500$ cada uma, juros de 6 %	469:843$900		
1.000 ditas da Prefeitura de Bello Horizonte, nominativas de 200$ cada uma, juros de 6 %	151:694$900		
1.000 ditas da Prefeitura do Districto Federal, nominativas de 200$ cada uma, juros de 6 %, do emprestimo de 1906	195:018$000		
1.000 ditas, idem, idem, do emprestimo de 1914	196:415$000		
1.000 ditas, idem, idem, do emprestimo de 1917	186:458$000		
2.500 Acções da Companhia de Seguros Integridade	301:213$000	2.904:135$900	5.287:961$500
Deposito no Thesouro Nacional			200:000$000
Acções caucionadas			30:000$000
Juros e dividendos a receber		66:000$000	
Alugueis a receber		60:763$300	
Succursal em São Paulo		15:526$700	
Seguros		115:017$100	
Contas correntes		80:000$000	337:307$100
Sellos — Valor em estampilhas			3:320$900
Bancos — Saldos a nosso favor		893:119$900	
Caixa — Saldo existente		30:377$200	923:497$100
			6.832:086$600

PASSIVO

Capital integralizado		2.500:000$000
Fundo de reserva	1.424:563$000	
Reserva de riscos não expirados	450:000$000	
Reserva para sinistros	700:000$000	
Lucros e perdas	1.221:361$500	3.795:924$500
Apolices da Divida Publica depositadas no Thesouro Nacional		200:000$000
Caução da Directoria		80:000$000
Honorarios e percentagens á Directoria	37:500$000	
Dividendos e bonus a pagar	14:070$000	
Imposto de fiscalisação	41:202$300	
Dividendo 110.º	150:000$000	242:772$300
Fundo de previdencia		11:389$800
Fiança de alugueis		2:000$000
		6.832:086$600

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1931.

João Alves Affonso Junior, Presidente
Joaquim Cerqueira, Guarda-Livros.

COMPANHIA "PREVIDENTE"

RELAÇÃO DOS IMMOVEIS DE SUA PROPRIEDADE

Rua Primeiro de Março (séde)	Num.	49
Rua Republica do Perú	"	10
Rua Theophilo Ottoni	"	98
Rua Theophilo Ottoni	"	121
Rua Theophilo Ottoni	"	192
Rua Theophilo Ottoni	"	195
Rua Theophilo Ottoni	"	197
Rua Theophilo Ottoni	"	199
Rua da Quitanda	"	35
Rua da Quitanda	"	94
Rua da Quitanda	"	192
Rua da Quitanda	"	194
Rua de S. Pedro	"	39
Rua de S. Pedro	"	183
Rua de S. Pedro	"	233
Rua de S. Pedro	"	247
Rua do Rosario	"	157
Rua Sacadura Cabral	"	193
Rua Luiz de Camões	"	69
Rua Buenos Aires	"	329
Rua Senador Vergueiro	"	148
Rua Senador Vergueiro	"	150
Rua D. Manoel	"	52
Rua General Camara	"	129
Avenida Passos	"	53
Becco do Bragança	"	11
Becco do Bragança	"	34
Becco dos Ferreiros	"	12

NOSSA NUTRIÇÃO

AUGUSTA S. MONTEIRO

Mel de abelhas — São muito conhecidas as qualidades altamente nutritivas do mel de abelhas. Elle é hoje classificado como condimento e como alimento de primeira grandeza, pois é rico em assucar e vitaminas. E' um condimento saboroso, levemente laxante e perfumado, que pode ser empregado no preparo de bolos, doces, biscoitos, etc. O mel pode ser falsificado, juntando-se a productos semelhantes á *saccharina*, assucar mineral e que adoça 300 vezes mais que o assucar de canna, mas não possue propriedades nutritivas. Mil grammas de mel equivalem a 1.080 grammas de gemmas de ovos, 1.200 de pão, 1.400 de carne de porco, 1.620 de carne de vacca, 2.600 de peixe, 3.000 de batatas, 4.200 de uvas e 4.500 de leite. Vê-se, pois, por estes dados rapidos que o mel deve entrar em nossa alimentação.

BOLO PARA TODOS

½ chicara de manteiga fresca
1 " " mel de abelhas
2 ovos batidos
½ chicara de assucar
½ " " qualquer geléa grossa
1 " " coalhada
1 colher de chá de fermento inglez
3 chicaras de farinha de trigo
½ colher de chá de sal
1 " " chá de canella
½ " " chá de cravos
¼ " " chá de noz moscada
1 ½ chicara de passas sem sementes
1 " " de tamaras ou figos seccos picados
½ " " nozes picadas.

Modo de fazer — Bata-se a manteiga com o assucar, juntando-se depois os ovos e misturando-se bem; accrescente-se o mel e a geléa, depois a coalhada, na qual se dissolveu antes o fermento inglez. Peneire-se a farinha de trigo e tire-se uma colher de sopa para polvilhar as tamaras, ou figos, as nozes e as passas. O resto da farinha junta-se á primeira mistura e bate-se até ficar bem ligado. Junta-se, depois, o resto dos ingredientes e deita-se a massa em uma fôrma grande. A fôrma deve ser forrada com papel impermeavel, bem forte, untado com manteiga.

Vae ao forno brando por 60 minutos.

QUADRADINHOS DE MEL

2 chicaras de assucar
1/4 de chicara de mel derretido e bem claro.
2/3 de chicara de leite
2 tabletes de chocolate
1/4 de colher de chá de sal fino
2 colheres de sopa de manteiga.
1 colher de chá de vanilina
1 colher de sopa de nozes picadas bem bem miudinhas.

Mistura-se o assucar com o mel e o leite, numa panella de fundo grosso. Junta-se o chocolate e o sal e deixa-se cozinhar vagarosamente, até que uma gotta da mistura forme uma bola molle em agua fria. Tira-se do fogo e junta-se a manteiga e a baunilha e deixa-se esfriar um pouco. Bate-se depois até que fique bem grossa, juntando-se, si desejar, nozes picadas. Espalha-se em um taboleiro ou marmore untado de manteiga, e antes de endurecer de todo corta-se em quadrados.

PASSAS COBERTAS COM CHOCOLATE

Escolham-se as passas grandes e perfeitas, podendo ser das que se compram já sem sementes. Derretam-se alguns tabletes de chocolate doce e mergulhem-se ahi as passas, tirando-se uma por uma e deixando-se seccar separadamente. E' um bombom muito saboroso.

COISAS LIDAS

FOI inaugurada recentemente em Oslo, com a presença da familia real da Noruega, uma importante exposição de arte allemã contemporanea. Ella é considerada como uma resposta á grande exposição realisada ha quatro annos na Allemanha pelo pintor norueguez Oskar Munch cuja arte exerceu uma profunda influencia na pintura allemã de hoje. Duzentos quadros e esculpturas foram reunidos nas salas da Casa dos Artistas. Os nomes mais evidentes da Allemanha moderna se fizeram representar. Entre outros os pintores: Kirchner, Heckel, Schmidt-Rotluff, Nolde, Kokoschka, Beckmann, Hofer, Feininger, Klee; entre os esculptores: Georg Kolbe, Ernst Barlach e Wilhelm Lehmbrusck, já morto.

* * *

E' inutil discutir com o inevitavel: O unico argumento positivo contra o vento é fechar a janella. — *O. W. Holmes.*

* * *

A *Neue Rundschau* publicou estes interessantes *Pensamentos sobre a Arte* tirados dos papeis de Arthur Schnitzler, morto recentemente:

"Existe apenas um meio absolutamente seguro de distinguir o poeta do amador, do escriptor ou do litterario. O poeta tem a faculdade de crear personagens vivos; os outros só fazem personagens mais ou menos artificiaes".

"Existem escriptores, litteratos, e mesmo amadores cuja producção é mais importante para a arte do que a dos poetas que não são muito bons. Fujamos de crear hierarchias entre as distincções que podemos fazer e evitaremos muitas injustiças e mal entendidos estheticos".

"Existem obras de arte cuja importancia e significação só são comprehendidas por um pequeno numero de espiritos distinctos. E muitas vezes temos vontade de perguntar se na verdade é a obra de arte propriamente dita que torna feliz o conhecedor ou antes o orgulho de aprecial-a em tão reduzida companhia. E' fóra de duvida que essa propriedade de tornar feliz não pertence ás vezes menos ás creações dos grandes genios que ás obras de valor menor. E não é sómente a grande massa de leitores que ellas pódem tornar feliz, mas essa élite que sabe reconhecer o genio".

"Muitos talentos de segunda ordem vivendo plenamente a sua vida, partilhando a existencia de todos os homens pódem por isso tocal-os melhor e satisfazel-os mais do que um grande poeta".

* * *

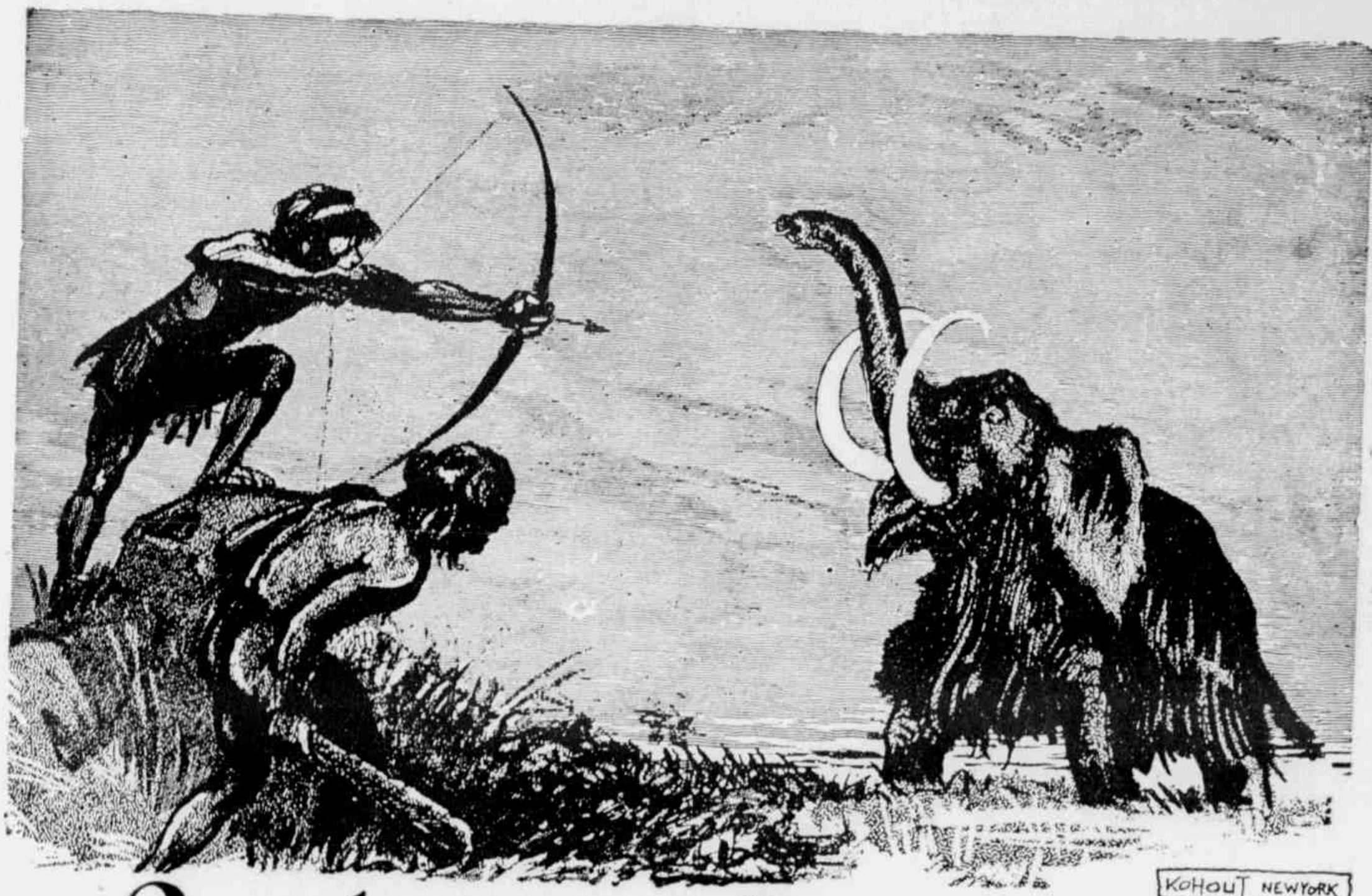
O theatro na Inglaterra soffre, cada vez mais, a influencia do cinema. Uma das provas mais importantes dessa influencia é a voga crescente das peças "de grande espectaculo" ou mesmo de espectaculos que renunciam completamente ao drama, á litteratura e cujo interesse reside apenas na *mise-en-scène*. E' sobre essa "febre" que o *Times* publicou ha pouco um curiossimo artigo.

Uma das idéas que são a base dessa evolução theatral é russa: A de tirar effeitos imprevistos da movimentação estudada das multidões. Na America coube a Griffith lançal-a. Os espectadores se acostumaram com esses effeitos no cinema e quizeram encontral-os no theatro. Ahi coube ainda á Russia a primazia. Todas as montagens theatraes russas põem em scena grandes massas. Depois Cochran seguiu-a não só pondo em scena grande movimentação como dividindo o espectaculo em quadros. E em *Ever Green* utilisou a scena rodante para produzir uma serie de quadros ligados por uma fórma toda convencional. Charell, *metteur-en-scène* allemão, acompanhou-o em *White Horse Inn*. A ultima palavra, até agora, foi dita por Noel Coward, na *Cavalcade*.

O assumpto de *Cavalcade* é a historia pittoresca do seculo XX que o autor nos mostra em traços amplos com truculencia e até espirito satirico. E' Londres de luto com a morte da rainha Victoria, é a praia de Brighton animada por innumeros grupos, é a guerra e o depois da guerra, sempre cortada em quadros divertidos e expressivos.

Póde-se não gostar do tom e da fórma de *Cavalcade*, mas é preciso concordar que é um ensaio interessante levantar no theatro o desafio lançado pela téla e de renovar enriquecendo-a a tradicional "féerie" da scena popular.

* * *

Aprendi a ser feliz limitando os meus desejos e não os satisfazendo — *I. Stuart Mill*.

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

O PAVOR DA NOITE QUE NÃO TERMINA

TOSSE ? BROMIL